

Folkcomunicação & Sociedades Periféricas: Cultura, Linguagem e Comunicação dos excluídos¹

Eliane MERGULHÃO²

Resumo: Este artigo trata de alguns aspectos relevantes da Cultura, da Linguagem e da Comunicação para o âmbito da Folkcomunicação. O objetivo é o de comentar de par com os autores, ora comparando ora aproximando, as abordagens teóricas sobre essas categorias. Autores como Beltrão, Marques de Melo, Trigueiro e outros amparam teoricamente a pesquisa. Busca-se demonstrar que na comunicação dos excluídos, a literatura como linguagem, mediada pela Folkcomunicação, serve à cultura como processo e à comunicação como instrumento de interação social.

Palavras-chave: Cultura; Folkcomunicação; Linguagem; Sociedades periféricas.

Introdução

Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea (BELTRÃO, 1973, p.53).

Na visão de Luiz Beltrão (1973), sob o foco comunicacional contemporâneo, a cultura “jamais se estratifica” e, por isso, “está sempre em ebulição”. Isto ocorre porque o homem, que é dotado da capacidade de criar símbolos, busca organizar sua realidade usando instrumentos criados por e para ele mesmo, facilitando essa organização.

Desse modo, embora chegue ao mundo dotado de um equipamento fisiológico precário, se comparado a outros mamíferos, o homem desenvolveu sua capacidade mental, empregando-a para dominar a natureza, desenvolvendo sua inteligência e a utilizando para a satisfação de suas necessidades orgânicas básicas, ou seja, a sobrevivência e a procriação. Também, de suas necessidades psicossociais, que surgiram ao longo da história, na medida em que os fatores adversos transformaram sua cultura e sua inteligência. Portanto, graças à sua criatividade e sua habilidade de criar objetos, de alterar o ambiente e de fundar instituições, o

¹ Trabalho apresentado no GT 1: Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia, da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, de 02 e 05 de maio, em Recife (PE).

² Doutora em Comunicação Social pela UMEP. E-mail: <elianemergulhao@terra.com.br>

homem colocou o mundo a seu serviço. No entanto, sem a comunicação nada disso seria possível.

Desde a Antiguidade, a comunicação vem sendo objeto de estudo. Aristóteles, no século IV a.C., já definiu fundamentos para a arte de comunicar, definindo um modelo com emissor (pessoa que fala), discurso (o que a pessoa fala) e receptor (pessoa que ouve). Ainda assim, Lucien Sfez, em sua obra “Comunicação” (2007), afirma que na Atenas democrática não se falava em comunicação, pois ela estava inserida no próprio fundamento da sociedade.

Ela era “o vínculo conquistado pelos homens em seu afastamento do caos e que dava sentido ao sistema em todas as suas faces: política, moral, econômica, estética, e na relação com o cosmos”. E esse “vínculo se chama *philia*, a amizade política, social”. Sfez também afirma que, em Roma, “a comunicação não constituía problema para a cidade cristã”, pois também ali ela estava fundada no próprio cristianismo, “ampliando o lugar grego social (da *cidade*) para a medida mesma do Universo, o espiritual (da *religião*)” (SFEZ, 2007, p.12).

Desse modo, podemos dizer que, nessas dimensões inter-relacionadas, fica nítido que a concepção da linguagem está condicionada pela história, pela cultura, pela geografia e por seus usuários, e vem inserida num contexto econômico, sócio-político e simbólico.

Em nossos estudos sobre Luiz Beltrão, o foco de nosso estudo esteve mais voltado para a análise da obra literária do autor, na qual identificamos as marcas folkcomunicacionais tanto nas personagens quanto nos diálogos e nos ambientes ficcionais das narrativas. Através de sua obra literária, do mesmo modo como ocorreu com a obra de Monteiro Lobato (Cidades Mortas, 1919), que foi objeto de nossas análises no mestrado (DIAS, 2002), Beltrão insere uma nova ordem de crença que se impõe por meio do discurso, de símbolos, de imagens, de cenários, sendo perpetuada e confirmada por seus discursos, o teórico e o literário.

No entanto, se para Max Weber (1864-1920) o mundo social é constituído por um conjunto de ações sociais, para Luiz Beltrão (1918-1986), essas ações sociais são analisadas do ponto de vista da comunicação para a construção de uma nova realidade, possibilitando no intercâmbio de mensagens a evolução dos indivíduos. Assim, se

Weber (1964) defendia que a cultura ilustra e melhora o indivíduo para uma convivência solidária entre seus pares, Beltrão também, sob esse prisma, em sua obra teórica, postulou que o conhecimento é caminho seguro para o desenvolvimento do homem e da paz em sociedade, e que a comunicação é a ferramenta que oportuniza e assegura este desenvolvimento.

A comunicação dos excluídos

“Que nasceu para ser pato nunca chega a saracura.” (Ditado popular)

A língua das classes subalternas, por ser usada por grupos sociais estigmatizados, por muito tempo ficou relegada ao esquecimento pelas classes detentoras do poder que usavam a língua como forma de oprimir e de negar aos excluídos a voz que as insere no processo social. E não podemos falar em classes subalternas, considerando nessas relações de subalternidade apenas os aspectos social e econômico. Antes, deve-se pensar na linguagem, pois há uma forte ligação entre ela e os fatores étnicos e culturais. Os falares das pessoas de classes populares, como as frases feitas, os provérbios, as expressões, vindas da boca do povo e ouvidas na rua, nos ambientes marginalizados, representam um papel essencial na composição do painel da cultura popular, principalmente quando se investiga o vocabulário de uma região, como Beltrão fez com a cultura nordestina.

De acordo com Laraia (2000, p.49), todo homem “age de acordo com seus padrões culturais”. Isto porque o homem, como único animal que produz cultura, adapta o tempo e o meio a si para evoluir e sobreviver. Assim, a cultura, como processo cumulativo de conhecimento humano, favorece reeditar as experiências das gerações anteriores e adaptá-las aos desejos dos novos indivíduos para novas realizações. Isto corrobora o que afirma Beltrão (1973) quando diz que a cultura não se estratifica, ou seja, não fica calcificada. Evolui e se transforma sempre.

Vale ainda enfatizar com Marshal Sahlins (1979) que, numa abordagem crítica, concorda com Beltrão quando postula que as culturas humanas são formuladas a partir da atividade prática e, mais fundamentalmente, a partir do interesse utilitário. Para ele, o

homem vive num mundo material, e de acordo com um esquema significativo criado por si e para si próprio. E, desse modo, a cultura define a vida não através de pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico definido, que nunca é único possível. A cultura, então, é que constitui a utilidade.

Beltrão diz que o comunicador ao emitir uma mensagem precisa ter em foco o público a quem ela se destina, ou seja, sua cultura, sua história, seus hábitos, para assim lograr ser entendido e respondido. Nesse sentido, neste breve estudo buscaremos, através da comunicação, verificar os fundamentos da cultura de um grupo por meio da sua linguagem, de seus modos de se fazerem entender entre seus iguais.

Os estudos comunicacionais de Luiz Beltrão

Meios de expressão utilizados periódica e sistematicamente por essa massa são os entretenimentos, folguedos, autos populares, peças de artesanato e artes plásticas, através dos quais manifesta o seu pensamento e as suas reivindicações, não poucas vezes até mesmo em oposição ao pensar e sentir das elites (BELTRÃO, 2001, p.221).

Luiz Beltrão tratou de desvendar as crenças do homem do interior (*hinterland*) e descobrir de que modo se davam os processos mediante os quais “as camadas menos cultas e economicamente mais frágeis da sociedade urbana e rural” (2001, p.221) recebiam e traduziam as informações divulgadas, e de que modo também cristalizavam suas opiniões, de forma a que elas viessem a orientar suas ações de vida.

Ainda que o interior brasileiro não fosse, ainda, naquele tempo, bombardeado pela mídia, alguma notícia sempre lhes chegava por rádio, TV, jornais e revistas. A preocupação do autor, no entanto, era a de apurar em que medida os conteúdos jornalísticos alteravam e influenciavam a formação da cultura do povo e em que medida essa influência entrava como ingrediente da manutenção das crenças e dos *catimbós* do povo dos sertões brasileiros. Resumindo, Beltrão queria descobrir de que maneira a cultura do sertão podia ir sendo alterada mediante a mescla de informações, que também traziam componentes de crenças e da cultura da cidade.

Ele procurou saber como era que as pessoas simples, muitas delas analfabetas ou com um nível baixo de letramento, faziam atualização, interpretação e readaptação dos

modos de pensar e agir a partir da absorção dos produtos de comunicação com os quais conviviam. Para analisar os resultados, ele procurou conhecer também o processo de comunicação dos primórdios históricos do Brasil, leu os cronistas do descobrimento, os modos de comunicação dos povos do período pré-cabralino e, a partir desse conhecimento, acompanhou “através dos séculos de povoamento, a evolução dos meios primitivos de contato social” (BELTRÃO, 2001, p.51).

Para sua pesquisa, relata o autor, serviram todas as fontes possíveis, desde as conversas com os senhores-de-engenho e fazendeiros, passando pelos livros e jornais velhos e empoeirados dos arquivos e bibliotecas, até outras pesquisas desenvolvidas por sociólogos, historiadores e historiógrafos, geógrafos, memorialistas e ilustradores; enfim, um vasto acervo, das mais variadas fontes. Depoimentos de pessoas idosas deram testemunho das grandes e profundas transformações por que passou a sociedade brasileira; assim, foi possível notar nelas as influências do caldeamento cultural, principalmente no que diz respeito aos negros africanos, que trouxeram suas rezas, suas “mandingas e catimbós”, até hoje incorporadas em todas as instâncias ao viver do brasileiro.

Trigueiro (2005), em seu estudo sobre influência da TV sobre comunidades ruranas³, afirma que essas comunidades não absorvem integralmente as novas informações e, sim, que as submetem aos filtros de suas crenças para somente então aceitar apenas parte daquilo, ou seja, só aceitam aquilo que lhes possa permeável, adaptável ao seu entendimento.

Interessante notar que Beltrão, antecipando tais abordagens, deu-se conta de que entre as pessoas do interior, de vida comum e de poucas expressões culturais, existem os líderes de opinião, como já o definira quando em ampliação de estudos anteriores do pesquisador austríaco Paul Felix Lazarfeld (1901-1976). Mesmo assim, Beltrão (1973) afirma que as mensagens dos catimbozeiros teriam que ser analisadas, para, depois situar seu conteúdo, “rico em significados, que produzia no ouvinte, no leitor ou no assistente o mesmo efeito da retórica jornalística entre os receptores do outro Brasil”, do Brasil letrado, e entender e registrar tal processo.

³ Gilberto Freyre cunhou este neologismo – rural + urbano – em 1982, para definir comunidades que habitam perímetros conceitualmente definidos como urbanos, mas que conservam hábitos, crenças e modos de vida com características rurais.

Foi exatamente neste ponto de sua pesquisa que Beltrão (1973) chegou ao núcleo da questão dos comunicadores dessa massa “surda às mensagens da imprensa, do rádio”, pois aí constatou que eles adotavam as características das mensagens folclóricas para a transmissão de suas notícias. O que Beltrão afirma vem corroborar o que Pedro Calmon já havia apontado, de que os jornais se tornaram ‘os porta-vozes das elites dirigentes e cultas’, não sendo, portanto, acessíveis às camadas populares.

No entanto, para Beltrão, mesmo essas pessoas tendo acesso, os jornais não lhes interessavam como um elemento relevante na dinâmica de sua realidade. Portanto, para esclarecer esse problema, o próprio Beltrão explica como entendeu a situação do receptor diante da mensagem:

Há na mensagem, pois, um conteúdo cultural que se destina a ser acolhido, traduzido e atualizado por qualquer receptor, [senhor das faculdades e habilidades antes assinaladas]. Esse conteúdo, uma vez codificado de acordo com as intenções do comunicador se torna essencial: independentemente da interpretação que lhe dê o receptor, o seu sentido permanece inalterado e inalteradamente o mesmo (BELTRÃO, 1973, p.95).

Nesse sentido, então, podemos entender que estratos sociais recebam melhor determinadas mensagens do que outros, dada uma habilidade de seus membros, de acordo com o modo (*habitus*) de decodificar as mensagens recebidas. E essa mensagem tanto pode ser emitida por um sábio quanto por um homem comum, pois não depende de sua natureza para se manter ou para que fique preservada, segundo Beltrão, “sua essencialidade”, como neste exemplo, em que o autor diz que, nenhuma mensagem tem recebido mais traduções do que a mensagem evangélica. E seu sentido permanece o mesmo. Essa constatação, para Beltrão, foi feita pelo próprio Cristo, quando afirmou: “Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão [Lc. 21:33]” (BELTRÃO, 1973).

Como os estudos sobre a comunicação se intensificam em fases históricas ricas de mudanças, o século XX foi fértil, pois nele ocorreram profundas transformações paradigmáticas, principalmente no período entre a Primeira (1914-1917) e a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Após 45, com o advento da TV (1951) e logo depois (1970), com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação (TIC),

intensifica-se a comunicação massiva. Logo, Beltrão, como comunicador e pesquisador, foi buscar respostas para indagações culturais regionais de seu país, desenvolvendo as bases da teoria da comunicação dos excluídos, ou seja, a Folkcomunicação.

A Teoria da Folkcomunicação

Folkcomunicação é a matriz que estuda a comunicação com foco nos agentes e nos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. (BELTRÃO, 2001)

Como afirmou Beltrão, a comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea, e nós confirmamos, já que a sociedade está hoje totalmente mediatizada e com uma enorme variedade de grupos sociais, entretidos numa imensa rede de sistemas de valores e modos produção de bens que justificam tal demanda. Esses grupos, por motivo de manutenção e sobrevivência, necessitam necessariamente se comunicar, para manter seus interesses.

Na contrapartida, e com foco mais no comunicador do que no processo, Beltrão (1973) afirma que todo comunicador é um interesseiro. Como processo, a comunicação se dá entre facilidades e dificuldades naturais, dado o meio em que ocorre, isto é, por suas características e por sua estrutura, podemos apontar aspectos positivos e negativos no processo de geração, transporte, recepção e armazenamento de mensagens.

Portanto, sem perder de vista nem o processo nem os recursos, Beltrão estabelece fundamentos que definem os parâmetros da Folkcomunicação em quatro patamares fundamentais, quais sejam:

- a) instrumentos e efeitos da comunicação coletiva;
- b) dicotomia ético-cultural: elites e massa;
- c) o líder de opinião;
- d) folkcomunicação: intercâmbio de mensagens.

Para se manter em funcionamento, a comunicação depende de instrumentos e sofre efeitos da comunicação coletiva. Esses efeitos são caracterizados por Beltrão como positivos e negativos. O aspecto positivo mais relevante é que a comunicação –

como processo – não pode ser estanque, ou seja, ela precisa manter o fluxo constante para não ficar fora do sistema comunicacional, pois isto ameaçaria seus interesses. A facilidade neste caso é que o mundo mediático está em constante ebulição comunicativa em razão de usar como suporte um mesmo idioma comum, o que favorece a decodificação das mensagens e o entendimento da linguagem.

Quando para um grupo social ou parcela da sociedade se faz necessária uma linguagem específica, é impossível adotar um meio suficiente, empregar técnicas adequadas e encontrar diálogos distintos capazes de efetivar tal comunicação. Os grupos que não conseguem estabelecer sua comunicação com os demais acabam isolados e tendem a ficar privados da plena obtenção de seus direitos e desejos, o que, em tese, ameaça seus interesses fundamentais.

Por isso, o autor afirma que: “A atualidade brasileira oferece uma dicotomia ética e cultural entre as elites intelectuais, os dirigentes e a massa rural e urbana marginalizada, que utilizam veículos e falam linguagens diferentes, ficando, assim, prejudicado o diálogo” entre elas (BELTRÃO, 2001, p.59).

Essa dicotomia ético-cultural presente na sociedade brasileira decorre do modo como foi formada a nossa sociedade, com um povo dos interiores promovendo o desenvolvimento econômico do país – pelo trabalho – e uma elite pensante, produtora de valores – mas divorciada dos interesses e dos discursos da expressiva massa produtora de bens.

O que ocorre, na realidade, é que se falam duas linguagens, empregam-se duas formas de expressar ideias e crenças. A elite fala para seus iguais e o homem do povo (e o homem dos catimbós) fala com e para os seus, mas as duas frentes não se entendem e tampouco se respeitam.

Interessante notar que Beltrão identifica que o início da cisão comunicativa entre todos os segmentos se dá no momento em que, no Brasil, começa a circular o jornal, como o veículo dos discursos da elite pensante, dando então “início ao processo de partição do entendimento que havia”, como apontado por Cassiano Ricardo, “entre os três mais importantes segmentos do povo, ou seja, o vaqueiro, o bandeirante e o senhor de engenho” (RICARDO, 1942 vol. 2, p.151; *apud* BELTRÃO, 2001, p.60).

E, pode-se observar ainda que, quanto mais os discursos se aprimoram na academia, no mundo científico, mais distante fica essa comunicação dos modos de falar e entender do homem dos catimbós (como também o homem caiçara, o caipira, o marajoara, o potiguar e outros).

Portanto, se a realidade brasileira é formada pela dicotomia de *dois brasis* – um acadêmico e teórico e outro rude e empírico – tecer uma teoria sobre a folkcomunicação exigiu que Luiz Beltrão fizesse a si mesmo uma constatação: “Se a comunicação jornalística é essencial à formação de crenças e de tomadas de decisões que impulsionam os indivíduos e os grupos sociais à ação, os veículos que evidentemente comunicavam aqueles catimbós tinham de ser veículos jornalísticos” (*Idem*, p.75).

O intercâmbio de mensagens entre indivíduos e grupos sociais, segundo a visão de Beltrão, um processo de reconhecimento e identificação entre indivíduos e grupos de mesmo linguajar, de modos paralelos de comunicar. Como mencionado anteriormente, enquanto os interesses estão próximos, a comunicação se dá de modo horizontal {– o criador de gado => o bandeirante (que precisa da carne e do couro) => o senhor de engenho (que tem terras e cede espaço para criar o gado) e (que por sua vez também precisa de carne e de couro) ...}.

Quando os interesses se distanciam, a comunicação não mais se dá de modo diretamente horizontal. Então, é preciso entrar em cena o mediador das informações, que o autor chamou de “líder de opinião”. Mesmo assim, continua a haver problemas no processo de intercâmbio de mensagens.

Beltrão sempre esteve preocupado em encontrar o indivíduo, o homem político. Nesse mar de signos e mensagens em que se configura a comunicação de massa, ele levanta sua questão crucial, e afirma que: “cabe ao intelectual descobrir o homem, confundido na massa, sob a pressão da massa, e que, sufocado pelo contexto esmagador da sociedade industrial, aspira à libertação”.

E aqui, entra em cena a literatura. Para nosso entendimento, Beltrão teve em mente e atuou nesse sentido, ou seja, deixar uma obra literária em que seus leitores pudessem se ver e se reconhecer como personagens.

Linguagem das sociedades periféricas: a comunicação dos excluídos

“Farinha pouca, meu pirão primeiro.” (Ditado popular)

Hoje, quando se fala em sociedades periféricas, para o entendimento das dinâmicas urbanas da comunicação, a palavra ‘periférica’ retoma as manifestações culturais contemporâneas, tais como o *Hip-Hop*, que inclui o Rap, o *Break*, o grafite, dentre outras expressões populares, surgidas a partir de uma reinterpretação dos conteúdos culturais vigentes em sociedade desde sua formação. No entanto, o momento histórico em que foram produzidos os textos de Beltrão era o de um Brasil emergindo dos rescaldos da Segunda Guerra e ainda sem o ‘bombardeio’ da *mass media*. Logo, sua literatura traz a voz, sem ruído, dos de fora dos processos de produção: os excluídos.

Beltrão escreveu seu texto literário fortemente influenciado por uma visão constatadora dos processos de transformação por quais passava nossa sociedade. Isto faz com que ele retrate, literariamente, o inchaço das cidades, principalmente da cidade do Recife, que levou à invasão dos alagados como moradia necessariamente provisória, e da miséria de uma população que vivia à margem do setor produtivo, sobrevivendo da prestação de serviços esporádicos, de quotidianas ações lícitas e ilícitas, e até mesmo como pedintes: última instância de sobrevivência do retirante nordestino.

Nas feiras do Nordeste, os cegos e aleijados, com suas cantorias rimadas, vão cantando e distraindo os passantes, numa espécie de “licença” para pedir esmolas. Porém, neste caso, há um consenso entre os membros do grupo social, igual em sociedades do Oriente Médio e Índia, em que os indivíduos aleijados ou mutilados têm direito de esmolar para sobreviver.

No entanto, nas grandes cidades, hoje, o pedinte não mais é o esmolar por direito, mas é alguém que pede por confessar publicamente que *está* excluído social e economicamente do sistema de produção de bens coletivos. E pode-se dizer que a maioria, senão a totalidade desses indivíduos migraram para a cidade, fugindo da seca e da pobreza do meio rural, abandonado pelas políticas do poder público.

Trigueiro (2005) afirma que o ‘novo rural’ brasileiro se insere no contexto das transformações geopolíticas, socioeconômicas e tecnológicas do mundo globalizado,

caracterizadas pelas adversidades e desigualdades regionais. São transformações importantes, operadas no bojo dessas comunidades rurais e ‘rurbanas’, que reestruturam os comportamentos e as instituições, no que se refere às práticas religiosas e culturais.

No entanto, Trigueiro (2005, p. 6) afirma ainda que esses grupos “desenvolvem alternativas próprias de emissão e criação para elaboração dos seus produtos culturais”; também “emitem opinião, fazem críticas, tomam posição e se apropriam de interesses que vão além dos planejados pela produção e emissão da mídia hegemônica”.

Portanto, concordamos com o autor quando ele afirma que Comunicação e Cultura estão ‘imbricadas’ no processo de construção da sociedade contemporânea. Logo, não se pode colocar um em detrimento da outra, pois novos paradigmas vêm ganhando força mediante à enorme variedade de segmentos culturais e sociais vigentes na atualidade.

Por isso, deve-se reconhecer o valor dos agentes culturais que, politicamente ativos, movimentam-se em extensas redes de comunicação e, como estão conectados à grande mídia mundial, constantemente alteram os rumos das escolhas que influenciam suas comunidades.

O mediador ativista, funciona como depositário da confiança de seu grupo de convivência, como armazenador de estoque do capital social e cultural, ambos articulados ou desarticulados conforme as relações e as obrigações com outros grupos. Assim, o capital social e cultural resume-se no conjunto de normas e valores partilhados por todos os membros de uma mesma comunidade. (TRIGUEIRO, 2005)

Nas sociedades periféricas brasileiras, tenham elas o nome que tiverem, a condição de pobreza e de desvalia é sempre a mesma, e Beltrão a descreve com maestria, compondo com tais personagens os contos e romances objetos de nossos estudos anteriores, com foco na Folkcomunicação (DIAS, 2006; 2015). Para nós, a sociedade periférica pode ser traduzida metaforicamente como um grupo formado pelos remanescentes de uma das hordas nômades deslocadas do campo para as cidades, formando guetos, e composta de indivíduos aglomerados nas favelas, nos alagados.

Porém, para Beltrão a Folkcomunicação não é uma comunicação classista, pois ele, a partir de seus estudos, percebeu que entre os saberes do povo não há hierarquias e sim apenas apropriações de conhecimento e expressão de ideias, de experiências e

vivências. Quanto à importância da literatura, que atua no registro simbólico e representa mundos possíveis, podemos afirmar que nas obras de Luiz Beltrão, de Mário de Andrade e de Jorge Amado, a fala dos excluídos aparece representada.

Considerações finais

Na literatura de Jorge Amado o leitor encontra o linguajar do povo, a prosódia e as expressões que refletem a cultura das classes excluídas do letramento acadêmico. Jorge sempre se gabou de descrever o espírito das gentes do povo, de linguagem inculta, diferente do que se esperava do texto literário canônico. E essa foi uma das fortes razões de sua obra haver ficado muito tempo fora das análises acadêmicas elitistas. Mas seu texto literário é competente para expressar a dor e a sabedoria do povo. Ele mesmo diz: “Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são as qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma virtude possuí, foi a de me acercar do povo, de misturar-me com ele, viver sua vida, integrar-me em sua realidade (AMADO, 1981, p.12).

Segundo Beltrão, foi o poeta Mário de Andrade, que também era musicista e folclorista de reconhecido talento, quem deu início ao rompimento de um silêncio que permeou a criação literária brasileira. Ou seja, que foi Mario de Andrade quem primeiro deu importância literária aos falares do povo, a partir de seus estudos sobre a cultura brasileira e o folclore.

Enquanto Mário de Andrade focalizava o vocabulário para enriquecer a língua falada, Beltrão foi buscar um contexto cultural para, nele, estabelecer parâmetros de comunicabilidade, voltando a atenção não apenas para a expressão de um grupo e sim operacionalizando a dinâmica desse grupo para criar então uma teoria, de modo a promover seus sujeitos a categorias de análise. E, depois, os converte em personagens.

Segundo Marques de Melo (2004), a evolução histórica do homem deu destaque a dois distintos polos de estágios culturais, ocorrendo numa mesma sociedade, cuja natureza de organização e estratificação e cuja determinação está nos modos de produção, historicamente determinados.

Por esta razão, é que se pode inferir, que a cultura de massa atua como veículo de interação entre a cultura clássica e cultura popular estimulando o intercâmbio simbólico entre elas, e ao mesmo tempo, extraíndo de ambas os códigos e elementos místicos que incorpora ao seu próprio acervo e os retribui sob forma de novas influência. E tanto a literatura quanto a música popular confirmam essa assertiva.

De modo geral, este também é o papel da literatura beltraniana, que expressa a voz dos excluídos, mostrando uma realidade que só conhece quem está ou quem passou por esse lugar. E esse é um lugar social, geográfico, histórico, econômico e simbólico.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras. *In*: CURRAN, Marck. J. **Jorge Amado e a literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

ARISTÓTELES. Vida e Obra. Coleção **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Fundamentos científicos da comunicação**. Brasília (DF): Coordenada, 1973.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Marcas Folkcomunicacionais na obra literária de Luiz Beltrão**. São Paulo: INTERCOM, 2015.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. Bruxaria: sincretismo cultural em Luiz Beltrão. **Revista Comunicação e Sociedade**. Ano 29, n.º 47. Apresentado no evento de comemoração dos dez anos da Cátedra Unesco-Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, UESP, set/2006.

DIAS, Eliane Penha Mergulhão. **Discurso, Sociedade e Cognição**: intertextos e interdiscursos na representação linguística da monocultura do café no vale do Paraíba. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

LARAIA, R. de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 13.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.



MONTEIRO LOBATO, José Bento. **Cidades mortas**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MARQUES DE MELO. **Prefácio** a BREGUEZ, S. (Org.). **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: INTERCON, 2004.

RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942, [vol. II].

SAHLINS, Marshal. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SFEZ, Lucien. **A comunicação**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Quando a televisão vira outra coisa: as estratégias de apropriação dos mediadores ativistas nas redes de comunicação cotidianas do local. Comunicação apresentada na FOLKCOM, em 12.fev.2005.

WEBER, Max Weber. **Economía y Sociedad: esbozo de sociología comprensiva**. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1964.